Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira

Body, aging and happiness in Brazilian culture

Mirian Goldenberg

Doutora em Antropologia Social e Professora do Departamento de Antropologia Social e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do IFCS/UFRJ.

Resumo

Neste texto discute-se o papel do corpo como uma importante forma de capital (físico, simbólico e social) na cultura brasileira. Busca-se mostrar os traços distintivos de uma cultura em que o corpo é um elemento crucial na construção de uma identidade nacional. Pode-se dizer que no Brasil "o corpo" é um capital, talvez um dos mais desejados pela classe média urbana e outros estratos sociais, que percebem "o corpo" como um veículo para a ascensão social, e também uma importante forma de capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento e, também, no mercado erótico.
Palavras-chave: Gênero; corpo; cultura brasileira.

Abstract

In this text I discuss the role of the body as an important form of (physical, symbolic, and social) capital in Brazilian culture. I try to lay out the distinguishing traits of a culture in which the body is a crucial element in the construction of a national identity. It can be said that in Brazil the body is a capital, maybe the most desired one by the urban middle class and also lower strata, which perceive the body as a fundamental vehicle for social ascension, and also an important form of capital in the job, spousal, and erotic markets.
Keywords: *Gender; body; brazilian culture.*

Desde 1988 venho realizando inúmeras pesquisas qualitativas e quantitativas com homens e mulheres na cidade do Rio de Janeiro, comparando os resultados dessas pesquisas com dados que coletei em outras culturas, particularmente na Alemanha, Espanha, Suécia e Argentina. Meu foco tem sido as representações de gênero, casamento, infidelidade, sexualidade, a construção social do corpo e o envelhecimento na cultura carioca.

O Rio de Janeiro é um lugar especial para se pensar em traços particulares da cultura brasileira. Um lugar que simboliza um determinado "espírito brasileiro", associado à praia, ao sol, ao calor, à informalidade, ao corpo, à sexualidade, à saúde e a uma natureza privilegiada.

Leila Diniz, objeto de estudo de minha tese de doutorado em antropologia (GOLDENBERG, 1995), foi e é ainda um ícone desse espírito solar. Com seu corpo grávido de biquíni na praia de Ipanema, em 1971, Leila é, até hoje, a melhor representante da revolução feminina ocorrida nas décadas de 1960 e 1970, quando as brasileiras libertaram seu corpo dos papéis tradicionais de mãe e esposa e inventaram novas formas de ser mulher.

Outro ícone dessa revolução comportamental foi Fernando Gabeira, que, recém-chegado do exílio no verão de 1980, exibiu o corpo vestindo uma tanga lilás de crochê na praia de Ipanema. Os corpos de Leila e de Gabeira, no verão das praias cariocas, mostraram que ser homem e ser mulher no Brasil nunca mais seria o mesmo.

E o que estes corpos simbolizaram em plena ditadura militar? Liberdade, em primeiro lugar, e também felicidade, prazer e a busca de criar novas alternativas de comportamento para os brasileiros e brasileiras.

Nos últimos anos, pesquisando homens e mulheres das camadas médias do Rio de Janeiro (VELHO, 1981), elaborei uma ideia que venho discutindo em meus textos, aulas e palestras: no Brasil, o corpo é um verdadeiro capital (GOLDENBERG, 2007).

Determinado modelo de corpo na cultura brasileira contemporânea é uma riqueza, talvez a mais desejada pelos indivíduos das camadas médias urbanas, e também das camadas mais pobres, que percebem seu corpo como um importante veículo de ascensão social e, também, um importante capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento e no mercado sexual.

Além de um capital físico, o corpo é também um capital simbólico, um capital econômico e um capital social. No entanto, é preciso ressaltar que este corpo capital não é um corpo qualquer. É um corpo que deve ser magro, jovem, em boa forma, sexy. Um corpo conquistado por meio de um enorme investimento financeiro, muito trabalho e uma boa dose de sacrifício.

Bourdieu (1999) afirmou que os homens tendem a se mostrar insatisfeitos com as partes de seu corpo que consideram pequenas demais enquanto

as mulheres dirigem suas críticas às regiões de seu corpo que percebem como grandes demais. O autor acreditava que a "dominação masculina", que constitui as mulheres como objetos simbólicos, tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo e para o olhar dos outros como objetos receptivos, atraentes e disponíveis.

Das mulheres, segundo o mesmo autor, se espera que sejam femininas, ou seja, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. Neste caso, ser magra contribui para esta concepção de "ser mulher". Sob o olhar dos outros, as mulheres são obrigadas a experimentar constantemente a distância entre o corpo real a que estão presas, e o corpo ideal, o qual procuram infatigavelmente alcançar.

No Brasil, onde as praias e a temperatura elevada durante quase todo o ano favorecem o desnudamento, a centralidade que a aparência física assume na vida cotidiana é muito mais evidente. A crença de que o corpo é um capital produz uma cultura de enorme investimento na forma física e, também, de profunda insatisfação com a própria aparência. Insatisfação que atinge inúmeros brasileiros e, especialmente, brasileiras.

Com a ideia de que o corpo no Brasil é um verdadeiro capital, é possível compreender porque as mulheres brasileiras, logo após as norte-americanas, são as maiores consumidoras de cirurgia plástica estética em todo o mundo. São preenchimentos faciais, botox, tintura para cabelo, entre outros inúmeros procedimentos para conquistarem o corpo capital.

Esse corpo capital pode explicar o fato do mercado de cosméticos no Brasil ser o terceiro do mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos e Japão. O crescimento da indústria de beleza no Brasil é cada vez maior, especialmente com a entrada das classes C e D com força total no mercado consumidor.

Como aprendemos na antropologia, a cultura brasileira veste o nosso corpo. Pode-se dizer que no Brasil o corpo é muito mais importante do que a roupa.

No Brasil, particularmente no Rio de Janeiro, o corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido (GOLDENBERG e RAMOS, 2002). Pode-se pensar neste sentido, que, além do corpo ser muito mais importante do que a roupa, ele é a verdadeira roupa: é o corpo que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido e imitado. É o corpo que entra e sai da moda. A roupa, neste caso, é apenas um acessório para a valorização e exposição deste corpo capital.

Ao analisar algumas das questões da minha pesquisa com 1279 homens e mulheres das camadas médias cariocas, fiquei surpresa com a recorrência da categoria "o corpo" nas respostas femininas e masculinas. Por exemplo, ao perguntar às mulheres: "O que você mais inveja em uma mulher?" Elas responderam: "beleza em primeiro lugar, o corpo, em seguida, e inteligência em terceiro lugar." Quando perguntei aos homens: "O que você mais inveja em um homem?" Tive como respostas: "inteligência, poder econômico, beleza e o corpo."

Em outra questão perguntei às mulheres: "O que mais te atrai em um homem?" Elas responderam: "inteligência e o corpo." Quando perguntei aos homens: "O que mais te atrai em uma mulher?" Encontrei: "beleza, inteligência e o corpo." O corpo aparece ainda com maior destaque quando perguntei às mulheres: "O que mais te atrai sexualmente em um homem?" As respostas foram: "tórax e o corpo." Para os homens: "O que mais te atrai sexualmente em uma mulher?" Tive: "bunda e o corpo."

Também perguntei: "Se você escrevesse um anúncio com o objetivo de encontrar um parceiro, como você se descreveria?", "Como você descreveria o que procura em um parceiro?" Nas respostas, o corpo aparece seguido de inúmeros adjetivos, tais como: magro, jovem, sexy, sensual, atraente, gostoso, definido, malhado, trabalhado, sarado, saudável, atlético, forte, firme e em boa forma.

A cultura brasileira, particularmente a cultura carioca, a partir da valorização de determinadas práticas, transforma o que é "natural", o corpo biológico, em um corpo distintivo (BOURDIEU, 1988): "o corpo" como capital.

Como afirmou Marcel Mauss (1974), é por meio da "imitação prestigiosa" que os indivíduos de cada cultura constroem seus corpos e comportamentos. Para Mauss, o conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições - que caracterizam uma cultura -também se refere ao corpo. Assim, há uma construção cultural do corpo, com a valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade. Esse corpo, que pode variar de acordo com o contexto histórico e cultural, é adquirido pelos membros da sociedade por meio da "imitação prestigiosa". Os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que têm prestígio em sua cultura.

No caso brasileiro, as mulheres mais bem sucedidas e "imitáveis", as mulheres de prestígio são atualmente: as atrizes, as modelos, as cantoras e as apresentadoras de televisão. Todas elas tendo o corpo como o seu principal capital, ou uma de suas mais importantes riquezas. Por outro lado, os jogadores de futebol, os atores e os apresentadores de televisão também ocupam posições de muito sucesso e prestígio em nosso país.

Pode-se dizer que ter "o corpo", com tudo o que ele simboliza, promove nos brasileiros uma conformidade a um estilo de vida e a um conjunto de

normas de conduta, recompensada pela gratificação de pertencer a um grupo de valor superior. "O corpo" surge como um símbolo que consagra e torna visíveis as extremas diferenças entre os grupos sociais no Brasil (GOLDENBERG e RAMOS, 2002). Para aprofundar essa discussão, estou fazendo um estudo comparativo com mulheres brasileiras e alemãs na faixa de 50 a 60 anos (GOLDENBERG, 2008).

Em "O Segundo Sexo" (1980), Simone de Beauvoir afirma que por volta dos 50 anos a mulher está em plena posse de suas forças, sente-se rica de experiências. No entanto, só lhe ensinaram a dedicar-se e ninguém reclama mais sua dedicação. Inútil, injustificada, contempla os anos sem promessa que lhe restam por viver e murmura: "Ninguém precisa de mim".

"A Velhice" (1990), também de Simone de Beauvoir, revela um retrato cruel do envelhecimento. Ela afirma que já que o destino da mulher é ser, aos olhos do homem, um objeto erótico, ao tornar-se velha e feia, perde o lugar que lhe é destinado na sociedade, tornando-se então um monstro que suscita repulsa e até mesmo medo.

Ao entrevistar mulheres brasileiras que estão envelhecendo, constatei um abismo entre o poder objetivo que elas conquistaram e a miséria subjetiva que aparece em seus discursos. Elas conquistaram realização profissional, independência econômica, maior escolaridade e liberdade sexual, mas se mostram extremamente preocupadas com o excesso de peso, têm vergonha do corpo e medo da solidão.

As alemãs se revelam muito mais seguras, tanto objetiva quanto subjetivamente.

Mais confortáveis com o envelhecimento, enfatizam a riqueza dessa fase em termos de realizações profissionais, intelectuais e afetivas. Aos 60 anos elas se sentem no auge da vida, entusiasmadas com projetos profissionais, viagens, programas culturais etc.

A discrepância entre a realidade e a miséria discursiva das brasileiras, mostra que aqui a velhice é um problema muito maior, o que explica o sacrifício que muitas fazem para parecer mais jovens.

A decadência do corpo, a falta de homem e a invisibilidade marcam o discurso das brasileiras. De diferentes maneiras, elas dizem: "Aqueles olhares e cantadas tão comuns sumiram. Ninguém mais me chama de gostosa. Sou uma mulher invisível".

Curiosamente, as brasileiras que se mostram mais satisfeitas não são as mais magras ou bonitas, e sim aquelas que estão casadas há anos. Elas têm "capital marital" (GOLDENBERG, 2008).

Em um mercado em que os homens disponíveis são escassos, principalmente na faixa etária pesquisada (GOLDENBERG, 2006), as casadas se sentem poderosas por terem um "produto" raro e valorizado. Aqui, ter marido também é um capital.

No Brasil, onde corpo e marido são considerados capitais, o envelhecimento é experimentado como uma fase de perdas e faltas. Já na cultura alemã, em que diferentes capitais têm mais valor, a velhice pode ser um momento de realizações e de extrema liberdade.

As mulheres brasileiras que entrevistei, entre 40 e 50 anos, falaram principalmente, da decadência do corpo e da falta de homem. No entanto, para minha surpresa, quanto mais avançava na idade das pesquisadas, mais aspectos positivos apareciam em seus depoimentos sobre a velhice. Elas passaram a fazer coisas que sempre desejaram, como dançar, cantar, viajar, passear, namorar, correr, pintar, nadar, estudar etc. Mais importante ainda: deixaram de se preocupar com a opinião dos outros e passaram a priorizar os próprios desejos.

Uma professora aposentada, de 74 anos, disse:

> "com a idade eu ganhei duas coisas preciosas: liberdade e maturidade. Eu me sinto muito melhor hoje, ganhei independência, faço o que eu quero, não faço o que não gosto, namoro com quem eu quero, beijo quem eu gosto, faço musculação e pilates, saio, viajo, tomo chopinho, vou à praia, fiz uma tatuagem há três anos e vou fazer outra... é o melhor momento de toda a minha vida".

As brasileiras pesquisadas estão vivendo mais e muito melhor. Dizem que existem muitos ganhos com o envelhecimento, e não só perdas. As mais jovens têm muito medo de envelhecer, porém as mais velhas não falam só sobre doenças, preconceitos e invisibilidade social, mas também sobre felicidade, prazer e liberdade.

Simone de Beauvoir, em "A Velhice" (1990), refletiu sobre o próprio sofrimento. Ela escreveu que é normal, uma vez que em nós o outro que é velho, que a revelação de nossa idade venha dos outros. Ela estremeceu, aos 50 anos, quando uma estudante americana relatou a reação de uma colega: "Mas então, Simone de Beauvoir é uma velha!". A filósofa afirmou que toda uma tradição carregou essa palavra de um sentido pejorativo – ela soa como um insulto.

No entanto, Simone de Beauvoir sugeriu a possibilidade de uma "bela velhice": construir um projeto singular que torne cada indivíduo autorizado a decidir sobre os seus comportamentos, não de acordo com determinadas regras, mas segundo sua própria vontade.

No caso das mulheres, em particular, "a última idade" pode representar uma liberação, já que submetidas durante toda a vida ao marido e dedicadas aos filhos podem enfim preocupar-se consigo mesmas, escreveu a filósofa.

Entrevistando brasileiras de mais de 50 anos, encontrei esta mesma ideia. Casadas ou separadas, com filhos ou netos, com namorados ou sozinhas, trabalhando ou aposentadas, as mulheres com quem tenho conversado dizem categoricamente:

> "é a primeira vez na vida que me sinto realmente livre. Antes, vivia para o marido, os filhos, a família. Já cumpri todas as minhas obrigações sociais e familiares. Agora, posso cuidar de mim, fazer o que realmente gosto, não dar mais satisfação para ninguém. Posso ser eu mesma pela primeira vez na minha vida".

Muitas brasileiras também me disseram que passaram a se sentir invisíveis depois dos 50. Uma revelou:

> "eu sempre fui uma mulher muito paquerada, acostumada a levar cantada na rua. Quando fiz 50, parece que me tornei invisível. Ninguém mais diz nada, um elogio, um olhar, nada. É a coisa que me dá a sensação de ter me tornado velha. Hoje, me chamam de senhora, de tia, me tratam como alguém que não tem mais sensualidade, que não desperta mais desejo. É muito difícil aceitar que os homens me tratem como uma velha, e não como mulher. Na verdade, não acho nem que me tratam como velha, simplesmente me ignoram, me tornei invisível".

No entanto, alguns indivíduos não permitem que os outros os tornem invisíveis. Muitos nunca serão "um velho", mas homens e mulheres que envelhecem dando continuidade aos seus projetos existenciais. Continuam cantando, dançando, criando, buscando a felicidade e o prazer, transgredindo as normas e os tabus existentes. Mais livres e visíveis do que nunca, são aqueles que podem ser chamados de *ageless*, ou "os sem idade".

Quando penso na "bela velhice", como propõe Simone de Beauvoir, penso na geração que foi jovem nos anos 1960 e 1970 e que está começando a envelhecer. Geração que reinventou a sexualidade, o corpo, as novas formas de conjugalidade, casamento e família. Geração que teve como prioridade a busca do prazer e da liberdade sexual, a recusa de qualquer forma de controle e de autoridade e a defesa da igualdade entre homens e mulheres. Geração que não aceitará o imperativo: "seja um velho!" ou qualquer outro tipo de rótulo que sempre rejeitou e contestou.

Quando penso em uma forma positiva de envelhecer, penso em homens e mulheres que nunca foram e nunca serão controlados pelas normas sociais. São estes indivíduos que se reinventam permanentemente, que podem nos ensinar sobre a "bela velhice".

Na Bienal do Livro do Rio de Janeiro de 2011 participei do debate "Elas não envelhecem mais: as novas velhas". Comecei discordando do título, dizendo que no Brasil envelhecemos, sim, e precocemente. Aos 30 anos as brasileiras já estão preocupadas com fios de cabelos brancos, ruguinhas que começam a aparecer e quilinhos a mais.

Lembrei que na Alemanha, onde fiquei alguns meses realizando entrevistas, aos 60 elas não falam dessas questões. Falam do trabalho, da casa, das viagens e dos projetos. Aqui mesmo antes dos 30, as mulheres só falam da decadência do corpo e da falta de homem. Ou ainda das faltas dos seus homens (falta de comunicação, de romance, de carinho, de elogios, de sexo, de fidelidade etc.).

Contei o caso de uma cinquentona magra e bonita que encontrou o ex-marido sessentão barrigudo, careca e sem alguns dentes. Olhando para o pescoço dela, ele disse: “Você envelheceu um pouquinho”, para em seguida acrescentar: “Mas suas mãos continuam jovens”. Traumatizada com o olhar acusador do ex, ela agora só anda de echarpe para esconder a velhice retratada no pescoço.

Na Bienal, após um debate sobre a valorização do corpo jovem e magro em nossa cultura (que fez com que eu criasse a ideia de que o corpo é um capital), ficou uma pergunta no ar: “como as mulheres poderiam se libertar dessa prisão?”

Concordei, então, com o subtítulo da mesa: “as novas velhas”. Muitas mulheres mais velhas conseguem se libertar da ditadura da aparência e se preocupar mais com saúde, qualidade de vida e bem-estar. Elas tiram o foco do olhar dos outros, e passam a priorizar o próprio prazer, desejos e vontades.

A grande mudança com o envelhecimento parece ser essa mudança de foco, de deixar de existir para os outros e passar a ser “eu mesma” pela primeira vez na vida. É uma verdadeira libertação.

Leila Diniz, se não tivesse morrido aos 27 anos em um acidente aéreo, teria 66 anos. Fernando Gabeira tem 70 anos. Foram as Leilas e os Gabeiras da geração dos anos 1960 e 1970 que inventaram novos modelos de ser homem e de ser mulher no Brasil. E são as novas Leilas e os novos Gabeiras que estão inventando alternativas mais prazerosas, livres e felizes de ser homem e de ser mulher nos dias de hoje.

Referências bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEAUVOIR, Simone. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOURDIEU, Pierre. La Distinctión. Madri: Taurus, 1988.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. Toda mulher é meio Leila Diniz. Rio de Janeiro: Record, 1995.

GOLDENBERG, Mirian e Ramos, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: Nu & Vestido. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. Infiel: notas de uma antropóloga. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.